

A escolha da melhor escola

Classe média de Brasília ainda prefere colégios da rede privada

Professores, no entanto, defendem rede pública do Distrito Federal

Para muitos pais começou uma temporada de difícil decisão: a escolha de uma boa escola para os filhos que estão saindo de escolinhas e entrando, no próximo ano, no ensino fundamental. Na rede pública, as inscrições para as matrículas já começaram pelo disque-matrícula e, a partir do próximo mês, os estabelecimentos da rede particular abrem as matrículas e às reservas de vagas.

A classe média brasileira enfrenta esse dilema e as estatísticas comprovam que a corrida à escola particular está ocorrendo em busca de uma educação de primeira classe para os filhos. Dados do Censo Escolar da Secretaria de Educação revelam que houve um crescimento nas matrículas para o ensino fundamental da rede privada em 15%, contrariando toda expectativa de que houve fuga da classe média para a escola pública. Em 1997, a rede privada tinha 64.182 alunos e, este ano, cresceu para 73.291, enquanto o crescimento registrado na rede pública ficou em 2,3% (347.330 alunos).

"Pagar uma escola particular em Brasília não quer dizer que o pai está matriculando seu filho em uma escola de qualidade", alerta a professora de Didática da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Margarida Jardim Cavalcante. Segundo ela, o Distrito Federal é uma das unidades do País onde há mais possibilidades de se optar por uma escola pública de qualidade. "Aqui, a primeira escolha dos pais é entre a escola pública e privada", afirma a professora.

O vice-diretor da Faculdade

de Educação, Rogério de Andrade Córdova, quando chegou a Brasília, vindo de Santa Catarina, foi informado de que aqui podia matricular os dois filhos numa escola pública de 1º grau porque tinha um padrão de ensino muito bom. "Eu matriculei meus filhos na escola classe da 415 Norte e eles tinham aula na Escola Parque da 410 Norte. Não me arrependi em nenhum momento. No segundo grau, eles andaram por vários colégios particulares, tiveram problemas e acabaram concluindo o segundo grau no Cean (Centro Educacional da Asa Norte). Saíram de lá, fizeram vestibular para a UnB e passaram".

Córdova disse que não viu, nesse período, diferenças entre as escolas particulares e públicas onde os filhos estudaram. Recentemente, o professor visitou alguns estabelecimentos da rede pública para fazer um trabalho e sentiu um clima de mudança. "Está havendo muita ênfase ao programa Bolsa-Escola, mas a Escola Candanga é o projeto mais importante empreendido pelo GDF", enfatiza Córdova. Segundo ele, os professores estão passando cinco horas na sala de aula e três horas estudando e fazendo planejamento das aulas. "Isso mudou as condições de trabalho e o reflexo é altamente positivo com relação ao rendimento dos alunos", destacou.

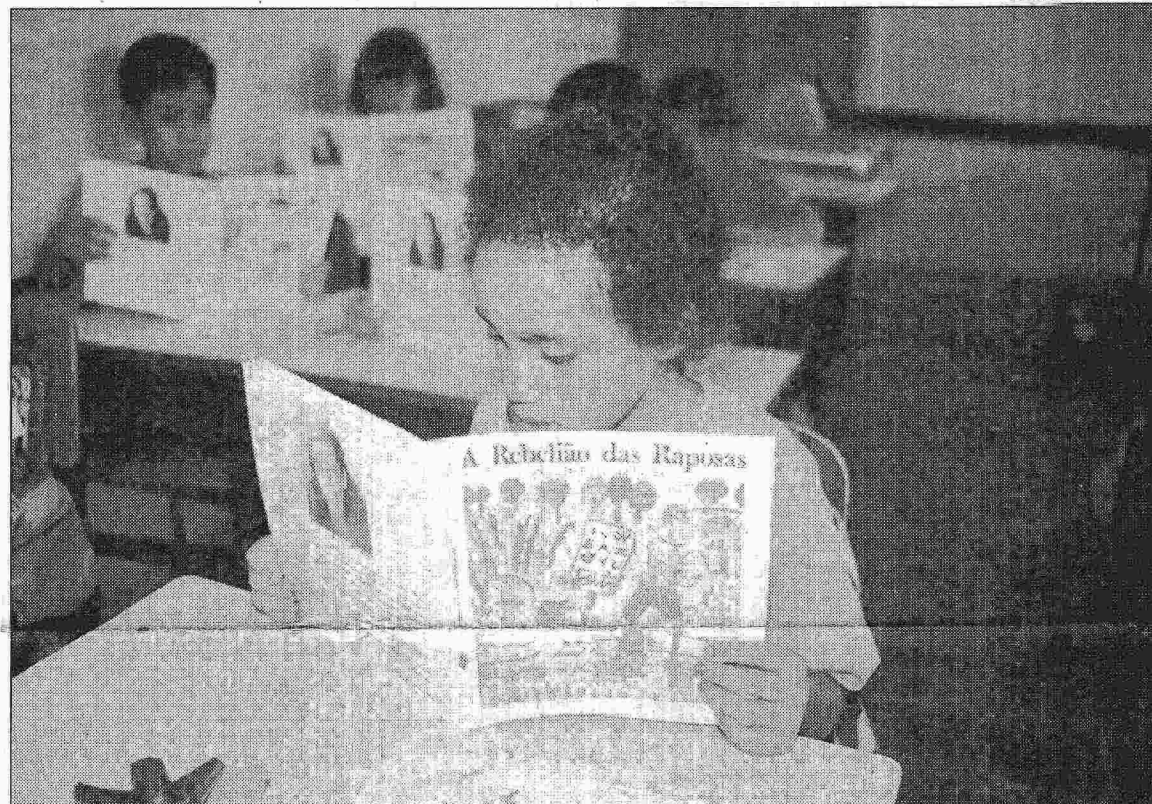
A funcionária pública Terezinha Souza Ferreira Siqueira tem um padrão de vida que lhe permite matricular a filha Ana Carolina, 8 anos, em escola particular. Ano passado, ela teve que fazer sua opção depois que a filha terminou o Jardim de Infância. "Não tive dúvida em matricular Ana Carolina na 106 Norte. A minha maior referência foi o meu filho mais velho ter estudado lá e quando concluiu a 4ª série, ele foi estudar no Leonardo da Vinci e não enfrentou nenhuma dificuldade", disse.

"A escola é muito boa, além de ser muito próxima à minha residência", diz a mãe. Ela afirma que o mais importante, diferente do que há numa escola particular, é a participação dos pais na vida da escola. "Participamos até das discussões sobre alteração de conteúdo pedagógico", enfatiza.



ALUNOS da Escola Classe 106 Norte realizam atividades extraclasse, bancadas pela APM

Francisco Stuckert



LIVROS de escritores brasileiros incentivam criança a desenvolver gosto pela leitura